



Especial

Vocações e sonhos

Maria e o filho Matheus se entendem bem, apesar da distância

Arquivo pessoal

E quando a saída de casa tem um propósito maior, como fica o coração da mãe? É o caso de Maria Aparecida, 52 anos, que teve uma mudança drástica na dinâmica familiar, quando seu filho mais velho, Matheus Wilian, saiu de casa aos 17 anos, rumo à vida religiosa.

Durante a infância, nem passava pela cabeça de Matheus ser padre. O desejo e a vocação vieram por volta dos 15 anos de idade. Quando saiu de casa definitivamente, não pensou muito nas consequências; a empolgação e as novidades inibiram as preocupações. Mas foi cerca de um mês depois, que surgiram os “sintomas” de estar longe de casa.

Nos primeiros anos, a saudade aparecia nas pequenas memórias do cotidiano, das conversas, das risadas em família e, principalmente, das comidas feitas pela mãe. “Sentia falta do pão de queijo com café pela manhã, do bolo de chocolate depois da janta... até das discussões.”

Para Maria, o momento decisivo foi marcado por sentimentos intensos, pois, embora sentisse um profundo orgulho, e a sensação de honra, também sentiu a dor da perda e pela separação física. Com o passar do tempo, ela diz que precisou entender que amar também significava deixar ir. “Em alguns momentos, bate a tristeza, reconhecendo que meu filho não me pertence mais, choro sozinha, sinto solidão, mas, ao mesmo tempo, muito honrada de ter um filho cristão”, detalha.

Com o tempo, porém, a relação entre mãe e filho também amadureceu. Maria conta que, com a distância, o vínculo se transformou. “Hoje, nossa relação é de

igualdade. Passei a ser conselheira e amiga.” O contato continua frequente, com ligações e conversas constantes. “A gente fala sobre tudo.” Matheus, hoje com 28 anos, confirma. “Minha relação com minha mãe sempre foi muito boa, feita nem tanto de palavras, mas de compreensão mútua. Hoje, procuro ligar sempre que posso.”

Silêncio e saudade

Ao longo dos anos, Maria viu, também, seus outros dois filhos deixarem o lar para seguirem os próprios caminhos. Leonardo, 26, mora com o pai, e Stella, 24, saiu para formar a própria família. Após essas despedidas, a casa mudou completamente. “Virou um cenário de silêncio e saudade. Nos primeiros dias, a ausência do barulho, das refeições compartilhadas, de toda aquela movimentação... tudo pesa.” A rotina, antes agitada, deu lugar a um silêncio que exigiu adaptação.

Apesar das dúvidas que admite sentir, Maria diz que a experiência transformou sua maneira de enxergar a maternidade e até a si mesma. Passou a dedicar mais tempo ao autocuidado, à vida a dois e a compreender que os filhos não foram feitos para permanecer. “Aprendi que a gente cria os filhos para voar e serem felizes.”

Hoje, cada nova conquista de Matheus renova esse sentimento. “Tenho orgulho todas as vezes que ele vence uma etapa.” E, para outras mães vivendo despedidas semelhantes, ela deixa um conselho simples, mas cheio de fé: “Ore pelos seus filhos. No fim, o que importa é vê-los felizes, com saúde e realizando seus sonhos.”

PONTO DE VIRADA

Apesar de muitas mães associarem a síndrome do ninho vazio à tristeza, a psicóloga Octavie Laroque lembra que não existe uma resposta única. “Não há uma mistura padrão de sentimentos. Pode existir saudade, vazio, melancolia, mas também orgulho, alívio e até curiosidade em relação ao que essa nova etapa pode proporcionar.”

Quando a maternidade ocupou um lugar central na construção da identidade, porém, a saída dos filhos pode tocar camadas mais profundas. “Em certa medida, existe um processo de luto, não pelo filho, mas pela presença cotidiana e por funções que durante muitos anos organizaram a vida.” O impacto pode ser ainda maior quando coincide com outras transformações do meio da vida, como menopausa, aposentadoria ou mudanças conjugais.

Ainda assim, a especialista reforça que essa fase também pode marcar um ponto de virada. “A maternidade nunca foi uma função fixa. Ela exige adaptações desde o nascimento até a vida adulta dos filhos. Essa mesma capacidade de reinvenção pode ser mobilizada novamente agora.” Para ela, quando o sofrimento persiste ou impede a retomada da própria rotina, buscar ajuda profissional pode ser fundamental. “Os filhos se afastam, mas não se perdem.”